

É POSSÍVEL EDUCAR PARA UM CONSUMO ÉTICO SUSTENTÁVEL?

Marco Aurélio de Patrício Ribeiro

O conceito de consumo sustentável passou a ser construído a partir do termo desenvolvimento sustentável, muito difundido com a *Agenda 21*, documento produzido durante a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, em 1992. O documento relata as principais ações que devem ser tomadas por governos e pelos cidadãos em geral para aliar a necessidade de crescimento dos países com a manutenção do equilíbrio ambiental. Os temas principais da *Agenda 21* falam justamente sobre mudanças de padrões de consumo. O desafio apresentado é que todos passem a pensar seriamente na necessidade de reciclar, adotar um novo padrão de consumo e um novo estilo de vida.

Vivemos um momento crítico na história da humanidade em relação às questões ambientais. A Terra, nosso lar, vem sofrendo desgastes em todos os seus sistemas ecológicos. Caso os homens não somem forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e em uma cultura de paz, viver na Terra pode se tornar impossível, pelo menos para os humanos.

Os atuais padrões de produção e consumo estão causando devastação ambiental, com redução de recursos e destruição da biodiversidade. Além disso, os benefícios do desenvolvimento nunca foram divididos de maneira equitativa, o que aumentou a distância entre pobres e ricos, gerando graves conflitos sociais, pobreza e sofrimento humano. De acordo com dados da Organização das Nações Unidas (ONU, 2000), 20% daqueles com maior renda no mundo são responsáveis por 86% dos gastos com consumo de bens, ao passo que os 20% mais pobres, que apenas subsistem, têm acesso a apenas 1,3%.

Os problemas ambientais vividos neste século XXI, são graves e perigosos, mas não inevitáveis. São necessárias mudanças fundamentais nos sistemas de produção em todo o mundo — em especial nos países desenvolvidos — visto que têm sido os maiores responsáveis pelos problemas sentidos. No entanto, há também a necessidade de uma transformação nos nossos valores e modos de vida, no caminho da priorização do ser mais em relação ao ter mais. Faz-se necessária, ainda, uma drástica mudança na cultura do consumo, hoje tão difundida pela mídia, e uma transformação nos hábitos alimentares da população mundial.

A revolução industrial criou um modelo econômico baseado no binômio produzir/consumir. Fundou-se aí a sociedade consumista que cresce de forma acelerada desde então. O modelo de sociedade criado necessita de um permanente crescimento nas duas vertentes, para tanto o consumo é incentivado como elemento essencial para o equilíbrio e a sobrevivência do sistema.

Por consumismo, podemos dizer de maneira simples, que é tudo aquilo que se compra sem necessidade, só para atender desejos, muitas vezes gerados por propagandas ou para demonstrar *status* social. Hoje, o mundo já sente com intensidade as moléstias do consumismo, das compras impensadas e não sustentáveis, principalmente através do esgotamento das matérias-primas e da energia, bem como do acúmulo excessivo do lixo gerado.

A globalização da economia difundiu através do *marketing* a ideia de que é necessário consumir para alcançar a felicidade. Essa difusão conseguiu alavancar as vendas de produtos e serviços a índices jamais vistos, entretanto, gerou nas camadas mais carentes, através do que foi chamado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu de “violência simbólica”, nesse caso, um sentimento crescente de revolta por sua incapacidade de atender aos desejos de consumo gerados pela exposição ao *merchandising* veiculado intensamente.

Os delitos nas ruas não são frutos somente da pobreza extrema (principal causa), mas também consequências da ética individualizante, da obsessão pelo sucesso e da ideia que o dinheiro traz a felicidade que vemos pela TV em seriados ou *reality shows*, sempre junto a divulgações de modelos, marcas e etiquetas.

Em vez de ceder aos apelos comerciais, é preciso pensar o outro, no todo e no planeta. Consumir desenfreadamente é, além de fútil, perigoso. A cultura do consumo condena tudo a ser descartável – “tudo muda quando muda a moda”. As coisas envelhecem cada vez mais rapidamente, os produtos duram cada vez menos e o dinheiro se esvai.

Estamos fadados a sermos meros coadjuvantes nessa história? Não, na nossa história sobre o nosso planeta somos chamados a quebrar paradigmas e mudar o modo de produzir, viver e consumir, enfim, mudar o modo de pensar e agir.

O nosso consumismo, nosso dissabor com a política, o afastamento da vida comunitária, nosso calar, a indiferença e o descompromisso, nosso isolamento, nunca foram tão intensos como nos tempos atuais. É um viver somente a própria história; parece que esquecemos a história humana, do nosso povo, da comunidade e até dos nossos familiares.

Precisamos pensar, pesquisar e buscar soluções. Uma “alfabetização ecológica” de toda a sociedade poderá nos levar a uma necessária conversão moral em relação ao outro e ao ambiente. Mudar nosso comportamento em relação ao uso dos recursos da natureza e dos bens produzidos pelo homem, é fundamental. Devemos abandonar a sociedade do descarte e do consumo, recusando o chamado “modo de vida americano”, agora em crise.

Somente através de processos educativos na sociedade como um todo, em que a educação formal ministrada pelas escolas terá um papel decisivo, poderemos mudar atitudes ajudando a retroceder o desequilíbrio ambiental em todo o planeta. Temos que desenvolver a

solidariedade no sentido mais profundo da palavra, ou seja, para tudo e para todos. Precisamos pensar globalmente para agirmos localmente, o que implica em uma revisão em nossos hábitos de consumo. Devemos adquirir novos valores menos exclusivistas e egoístas.

As escolas, como espaço de formação, devem educar para o enfrentamento do consumismo; para isso, é necessária uma educação voltada para a construção de sujeitos que pensam de forma autônoma e possuidores de uma consciência crítica. Entendemos por consumo sustentável a apropriação de bens e serviços promovidos com respeito aos recursos ambientais, de modo que se garanta o atendimento das necessidades da geração atual sem comprometer as futuras gerações.

A promoção do consumo sustentável depende da conscientização dos indivíduos e do trabalho voltado para a formação do consumidor cidadão. Esse trabalho é essencialmente educativo e político, uma vez que questiona o modelo econômico hegemônico.

As iniciativas educacionais para o consumo sustentável podem se realizar no âmbito de todas as disciplinas dos currículos, da Educação Infantil à Educação Superior; podem ainda ser trabalhadas como temáticas transversais (Brasil, 1998) ligadas à ética e ao meio ambiente.

A abordagem de ensino para o consumo sustentável pode ser derivada da análise dos principais problemas ambientais relacionados a padrões de consumo insustentáveis, tais como: poluição do ar e das águas; mudanças climáticas no planeta; alterações de habitats e a destruição da biodiversidade. A problemática ambiental chegou a níveis tão preocupantes que já se sabe, hoje, que a ação humana está aquecendo o planeta, destruindo a camada de ozônio, devastando a biodiversidade, mudando a química dos oceanos e até a água para o consumo humano tornou-se uma preocupação.

A mudança nos hábitos de consumo das crianças e dos jovens pode ser iniciada através de um proces-

so educativo baseado em pequenas ações reflexivas. O incentivo a uma reflexão e a uma prática baseadas nos 4Rs do consumo (repensar – os hábitos de consumo, reduzir – comprando apenas o necessário, reutilizar – usando ao máximo os produtos, reciclar – tudo o que pode ser reaproveitado) já é um bom começo.

Escolas que investem em Educação Ambiental favorecem aos seus alunos uma nova forma de enxergar o mundo. A Educação Ambiental na escola é uma nova forma de educar, que traz para o ambiente escolar a consciência e a responsabilidade socioambientais, difundindo atitudes em relação ao consumo e incentivando ações pró-ambientais.

As ações para se alcançar o consumo sustentável devem ser promovidas no nível micro e macro, ou seja, desde o lar, local de trabalho ou estudo, até as empresas e instâncias públicas. A implantação e consolidação de uma nova cultura, faz-se imprescindível e inadiável. Escolas que acreditam que sua responsabilidade com a sociedade vai além do ensino formal de conteúdos investem na formação de uma consciência de sustentabilidade em seus professores e alunos. Com certeza esta atitude surtirá efeito na nossa realidade.

Caso haja sintonia na valorização da sustentabilidade pelas famílias em parceria com as escolas, criam-se nas crianças e nos jovens valores que serão o alicerce para o desenvolvimento de uma consciência crítica, ambiental e mundial, no que concerne a valorização de posturas pessoais, organizacionais e governamentais que preservem o ambiente em prol da vida humana.

Além das iniciativas educacionais, devemos buscar instrumentos de ordem cultural, política, jurídica, econômica, científica, institucional, dentre outras, que respaldem essa nova forma de pensar e viver o mundo, consolidando a consciência e a prática da produção e do consumo sustentável. A hora de transformar é agora. Abraçar esta causa é abraçar o futuro.

Referencias Bibliográficas

- BOFF, Leonardo. *Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos*. Brasília—DF: Editora Letraviva, 2000.
- FORBES, Jorge. *A invenção do futuro*. Barueri—SP: Editora Manole, 2005.
- GUIMARÃES, Mauro. *Educação ambiental: no consenso um embate?* Campinas: Papirus, 2000.